

# Orlando Ribeiro e o caderno de campo nº53 (Angola): uma reconstituição possível

João Sarmento

Docente no Departamento de Geografia  
Investigador no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho  
[j.sarmento@geografia.uminho.pt](mailto:j.sarmento@geografia.uminho.pt)

Este texto resulta de uma aula que se centrou nas campanhas que o geógrafo Orlando Ribeiro realizou a Angola na década de 1960, campanhas essas integradas na Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (1960-1973), por sua vez enquadrada na atividade científica no império colonial português entre o final da Segunda Guerra Mundial e as independências africanas. Em particular, debruçou-se sobre o seu caderno de campo de Angola, o caderno nº 53, cuja análise está em publicação (Sarmento, no prelo). Em traços gerais, a aula procurou apresentar o caderno de campo como fonte de informação científica, e neste caso específico, o modo como a informação desta fonte pode ser cruzada com outras fontes disponíveis, no objetivo de reconstituir e analisar o mais detalhadamente possível as viagens científicas do geógrafo Orlando Ribeiro em Angola.

## Orlando Ribeiro e o trabalho de campo

O geógrafo Orlando Ribeiro (1911-1997), fez a sua primeira grande viagem quando tinha 24 anos. Foi uma viagem de paquete pela África atlântica, no contexto do I Cruzeiro de Férias às colónias, um cruzeiro científico colonial, com várias incursões nos territórios portugueses africanos. Incluiu um itinerário de cerca de duas semanas em Angola. Anos mais tarde, fez várias viagens a Angola (1960, 1961, 1962, 1963 e 1969), no contexto da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (Sarmento, no prelo). Comprometido com uma geografia que nasce da observação e da interpretação da paisagem, o trabalho de campo foi sempre

central para o seu modo de fazer geografia. Orlando Ribeiro foi um notável “produtor” de cadernos de campo, sendo que 63 destes documentos estão depositados no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal, e refletem o trabalho de campo desenvolvido entre 1932 e 1985. Partindo do conhecimento do caderno de campo referente a Moçambique (Sarmiento, Brito-Henriques & Daveau, 2013), e da análise do caderno de campo referente a Angola, pode-se afirmar que os cadernos de campo neste período (1960-1969) não servem como suporte para o registo factual de elementos da viagem. Neles não encontramos amiúde datas, horas, etapas, locais, distâncias, onde o geógrafo parou para comer ou dormir, com quem se encontrou ou mesmo com quem viajava. Aliás, a sequência das anotações do seu caderno, não raras vezes atropela a sequência do seu itinerário, o que torna a sua interpretação bem mais complexa do que a de cadernos de campo de outros investigadores. Apesar de conterem alguns dados crus sobre o povoamento ou a economia agrária, os cadernos de campo são sobretudo um repositório de memórias, instrumento que serve para reflexão posterior, e para confronto com outras fontes, fotografia incluída, que podem ou não comprometer as observações registadas.

Documentos privados tal como os diários, os cadernos de campo serviam para Orlando Ribeiro fixar memórias para posteriormente estabelecer um diálogo consigo próprio. Os cadernos contêm diversos desenhos e esboços, desde plantas de casas, de aldeias, ou do relevo, que complementam descrições e se articulam com as fotografias que tirou. Contrastando com os seus cadernos impacientes, mas nem por isso menos valiosos, está a escrita elegante e rigorosa da generalidade dos seus textos, e a serenidade do ritual do uso do fotómetro, para avaliar as condições de luminosidade, passando depois à captura de imagens equilibradas, tranquilas, e bem enquadradas. Os apontamentos, esboços e desenhos do caderno de campo serviriam apenas para despoletar memórias de múltiplas conversas nos lugares, das cores, sons e cheiros da e na paisagem, e que mais tarde, em conjugação, seriam peças utilizadas para reconstituir os lugares e a paisagem por onde tinha passado.

O caderno de campo faz também parte de uma parafernália de objetos que Orlando Ribeiro levava para o terreno. Por um lado, nestas ocasiões em Angola, veste-se a rigor para o trabalho de campo, e consoante o tipo de terreno e estado de tempo, usa chapéu de explorador ou boina, botas

ou sapatos resistentes, e calções, quando o tempo aconselha. Por outro lado, entre os seus objetos pessoais estão, a tiracolo, uma ou duas máquinas fotográficas e um fotómetro, complementados pelo caderno de campo. Há ainda outros objetos ou instrumentos de trabalho que são de uso coletivo ao grupo de investigadores, como sejam bússolas, altímetros, martelos, este-reoscópios e rolos de fotografia ou *slides*. Centrais para o trabalho de campo do geógrafo eram os mapas e plantas, de diversas tipologias e a várias escalas, sendo difícil estabelecer que materiais cartográficos seriam levados para o campo. Para além disto, nas campanhas da missão, há um conjunto vasto de material de apoio que é transportado no(s) jeep(s).

### **O caderno de campo de Angola, nº 53**

O caderno de campo nº 53 é um bloco com capa rija preta, de 14,8 x 21,0 cm, com folhas quadriculadas, escrito na vertical, abrindo a capa para cima. Orlando Ribeiro escreveu 253 páginas, e não há um padrão de quantidade de texto por página. Por vezes, quando os esboços o pedem, utiliza o caderno na horizontal, e em quatro ocasiões aproveita duas páginas sucessivas para fazer um esboço em vista panorâmica. Na interpretação deste caderno de campo cruzaram-se diversas fontes. Em primeiro lugar foi usado um conjunto de fontes manuscritas não publicadas. Entre estas, estão as agendas pessoais de Orlando Ribeiro, parte integrante do seu espólio existente na Biblioteca Nacional de Portugal, e que contêm algumas anotações breves, como nomes, números de telefone, pagamentos, mas também informação sobre lugares e horas, e concorrem, em alguns casos, para a reconstituição dos itinerários. Em segundo lugar, consultaram-se brevemente os seis cadernos de campo de Angola de Ilídio do Amaral, que abrangem o período entre 1969 e 1974, e o caderno de campo de Angola de Suzanne Daveau, referente a 1969. Todos estes documentos estão em coleções privadas e não estão publicados. Em terceiro lugar, consultou-se correspondência particular diversa, quer no espólio particular de Suzanne Daveau, quer no espólio de Orlando Ribeiro na Biblioteca Nacional de Portugal. Em quarto lugar, consultou-se o espólio fotográfico de Orlando Ribeiro, existente na Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Foram visualizadas 304 fotografias catalogadas como sendo de Angola. Complementou-se esta fonte de informação com fotografias de Angola do mesmo

espólio, da autoria de Suzanne Daveau e de Pierre Gourou de 1962. Por fim, e de grande importância para o trabalho de interpretação, consultou-se a documentação oficial sobre a Missão de Estudos de Geografia Física de Angola (1958-1961), sobre o Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar (1958-1973), e sobre a Missão de Geografia Física e Humana ao Ultramar (1961-1973), que está disponível no arquivo do antigo Instituto de Investigação Científica Tropical, que hoje pertence à Universidade de Lisboa.

## Conclusão

O caderno de campo nº 53 é um documento valioso para interpretar o trabalho de Orlando Ribeiro em Angola no quadro do colonialismo tardio, e para compreender a geografia que praticava, uma geografia que resulta da mistura de território e civilizações. Por um lado, põe em evidência a vertente naturalista do geógrafo, e ao longo das suas páginas e esboços, o caderno sublinha os traços físicos da paisagem. Por outro lado, o caderno revela o profundo interesse e respeito de Orlando Ribeiro pela cultura dos povos e suas tradições. O povoamento e habitat rural têm, nos seus cadernos, um lugar de destaque. Da observação e de inquéritos espontâneos e contactos livres com as populações, Orlando Ribeiro assinala o cultivo dos campos, a rega, a criação de gado, regista o preço de sementes, e o lugar dos mercados, o rendimento dos produtos, o que se come e como se preparam as refeições, convivendo com pessoas de todas as condições sociais. No contexto do povoamento, os colonatos são um dos temas-chave das viagens e dos cadernos de campo. Apesar de ter identificado exemplos de integração, como em Benguela, o que registou foi o sintoma profundo do “fosso cada vez mais largo” que se cavou entre povos, e de uma colonização que foi um fracasso. A par da colonização branca, Orlando Ribeiro foi tomando notas sobre o seu fascínio pela complexa civilização agrária dos Ovimbundo, e deslumbrou-se com os Bochimanes. Orlando Ribeiro defendeu a necessidade de estudos geográficos sobre este povo e esta civilização de recoletores que viviam entre os rios Cunene e o Cubango, no Sul de Angola, que abdicavam da cultura material em benefício de uma harmoniosa integração com um habitat hostil, e que estava à beira de se perder.

## Fontes

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL/D12/60-69. Espólio Científico de Orlando Ribeiro  
[Caderno de campo 53: Angola],1960 – 1969, 253p.; 14,8 cm x 21,0 cm

## Bibliografia

RIBEIRO, O. (1975). *Destinos do Ultramar*. Lisboa: Livros Horizonte.

RIBEIRO, O. (2014). *A colonização de Angola e o seu fracasso*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

SARMENTO, J., BRITO-HENRIQUES, E. & DAVEAU, S. (2013). I. Enquadramento. O Caderno de Campo de Moçambique de Orlando Ribeiro e o seu contexto. In Sarmento, J e Brito-Henriques (Eds.), *Orlando Ribeiro Cadernos de campo Moçambique 1960-1963* (pp.13-33). V. N. de Famalicão: CEAUP, Edições Húmus.

SARMENTO, J. (no prelo)(Ed.). *Orlando Ribeiro Cadernos de campo Angola 1960-1969*. V. N. de Famalicão: Húmus.



Figura 2. Fotografia 8189, Orlando Ribeiro, Fototeca CEG, ULisboa

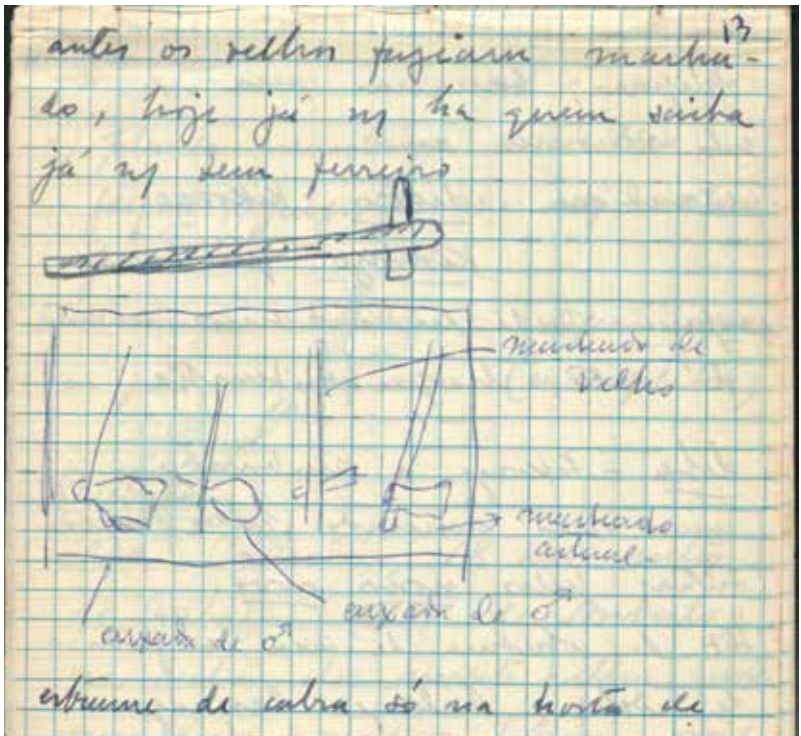


Figura 3. Excerto da página 13, Caderno Campo de Angola nº 53, Orlando Ribeiro, BNP